

Maternagem na deficiência e redes sociais: uma análise do perfil @familiadaptada no Instagram

MARIA COLLIER DE MENDONÇA

Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Pós-doutora em Mídias do Conhecimento (PPGEGC UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM UFPE), integrante do Grupo de Pesquisa Publicidade Híbrida e Narrativas de Consumo (GP PHINC UFPE CNPq) e coordenadora do Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância na UFPE (@mmi.ufpe).

GABRIEL CARLOS DA SILVA CARNEIRO MARANHÃO

Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) também pela UFPE.

RESUMO

Preconceitos e discriminações contra pessoas com deficiência moldam perspectivas capacitistas que afetam mulheres com deficiência que desejam exercer a maternagem. No entanto, histórias reais desconstróem essas visões, evidenciando o quanto as experiências maternas envolvem o desenvolvimento de habilidades e aprendizados contínuos. Este trabalho analisa representações da maternagem na deficiência no perfil @familiadaptada, criado por Suellen Gomes Calixto, que vive com a doença de Charcot-Marie-Tooth, uma forma de distrofia muscular. O estudo explora experiências compartilhadas no Instagram, investigando como essas narrativas ressignificam a maternagem no contexto da deficiência. Com base no feminismo matricêntrico, em teorias (auto)biográficas e narrativas de si, analisamos modos como o perfil de

Mothering with disabilities in social media: An analysis of the @familiadaptada profile on Instagram

SORAYA MARIA BERNARDINO BARRETO JANUÁRIO

Pós-doutorado na McGill University, Institute of Gender, Sexuality and Feminisms (IGSF), Montreal, Canadá. Doutora em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Publicitária e professora do Departamento de Comunicação da UFPE. Professora permanente dos Programas de Pós-Graduação em Direitos Humanos (PPGDH) e de Comunicação (PPGCOM) da UFPE. Pesquisadora em temáticas ligadas aos Estudos de Gênero, Feminismos, Esportes e Mídia. Coordenadora dos GPs CNPq Obmidia/UFPE: Observatório de Mídia: gênero, democracia e direitos

humanos da UFPE e do Fegeccap - Núcleo de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo.

CAROLINA DANTAS DE FIGUEIREDO

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco e Mestre em Sociologia pela mesma universidade. Professora do Departamento de Comunicação Social e membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. Autora do livro Admirável Comunicação Nova: Um estudo sobre a comunicação nas distopias literárias. Realiza pesquisas sobre comunicação, ambientes virtuais e inteligências artificiais.

Suellen constrói e performa suas histórias nas plataformas digitais, emergindo como um espaço de resistência e transformação social, ao desafiar preconceitos e promover novas compreensões sobre vivências de mães com deficiência no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Maternagem; deficiência; Instagram.

ABSTRACT

Prejudice against people with disabilities encompasses ableist perspectives that affect women with disabilities who desire to start families and/or engage in mothering. However, real-life stories challenge these views, highlighting how maternal experience involves the development of skills and continuous learning. This paper analyses representations of mothering in disability on the pro-

file @familiadaptada, created by Suellen Gomes Calixto, who lives with Charcot-Marie-Tooth disease, a form of muscular dystrophy. This study explores experiences shared on Instagram, investigating how these narratives give new meaning to mothering in the context of disability. Based on matricentric feminism, (auto)biographical theories and narratives of the self, we analyse how Suellen's profile constructs and performs her stories on digital platforms, emerging as a space of resistance and social transformation by challenging prejudices and promoting new understandings about the experiences of mothers with disabilities in the contemporary world.

Keywords: Mothering. Disability. Social Media. Instagram

INTRODUÇÃO: OS CAMINHOS DA PESQUISA

Ao longo da História, corpos de pessoas com deficiência foram encarados como estranhos, monstruosos, esquisitos. Na Roma e na Grécia antigas, por exemplo, pessoas com deficiência eram tidas como sub-humanas, devendo ser expurgadas da sociedade naquela época. Conforme destaca Tomporoski et al (2019), na Antiguidade, esses indivíduos eram considerados de outra raça, não havendo qualquer tipo de interação social com eles, sendo frequentes os maus tratos, o abandono ou até o extermínio daqueles que possuíam alguma limitação física, cognitiva ou mental.

Na definição da filósofa Judith Butler esses corpos poderiam ser enquadrados como abjetos. Nesse sentido, a abjeção poderia ser entendida como "(...) aquelas zonas 'não-vivíveis' e 'inabitáveis' da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do 'inabitável' é necessário para circunscrever o domínio do sujeito" (Butler, 2019, p. 22).

Entretanto, como atesta McRuer (2006) qualquer pessoa pode, ao longo da vida, se deparar com a deficiência, seja temporária ou permanente. O próprio conceito de "saudável" está sujeito a diferentes parâmetros que dificilmente são totalmente preenchidos e frequentemente estão sendo atualizados:

Todos são virtualmente deficientes, tanto no sentido de que as normas para pessoas saudáveis são "intrinsecamente impossíveis de incorporar" plenamente e no sentido de que o status de saudável é sempre temporário, sendo a deficiência a única categoria de identidade que todas as pessoas incorporarão se viverem o suficiente (MCRUER, 2006, p. 30, tradução nossa^[1]).

São inegáveis os avanços dos Direitos Humanos no que tange às pessoas com deficiência. No âmbito internacional, cabe ressaltar a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948 e, mais recentemente no território nacional, a consolidação da Lei Brasileira de Inclusão ou Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015). Apesar dos avanços legais, ainda convivemos em uma sociedade capacitista, na qual infelizmente observamos que os preconceitos e as discriminações contra as pessoas com deficiência continuam ocorrendo.

Todavia, a partir dos anos 2000, com o surgimento das primeiras redes sociais digitais, descortinou-se um horizonte para que os grupos historicamente vulnerabilizados possam expressar suas vivências. Nesse contexto, a emergência de diversos conteúdos autorais constituíram novas narrativas expressas por grupos de internautas, tais como o público LGBTQIA+, a população negra, as mulheres e pessoas com deficiência, dentre outros.

Ao nos propormos aqui a analisar a experiência de uma mãe com deficiência, estamos diante de uma realidade interseccional, visto que nos deparamos com diferentes vieses de opressão

(por se tratar de uma mulher, mãe e pessoa com deficiência). Dessa forma, nos pautamos na interseccionalidade como uma ferramenta analítica que explora como categorias como raça, gênero, classe e outras se inter-relacionam, moldando relações de poder, experiências sociais e individuais em contextos de diversidade (COLLIN; BILGE, 2020).

Para tanto, é imprescindível indagar como os vetores do machismo, sexismo e capacitismo se entrecruzam para definir um lugar de inferioridade socialmente atribuído às mães com deficiência. Vale ressaltar que, neste estudo, estamos focados nas mulheres cisgênero que maternam. Isso porque, conforme destaca O'Reilly (2023), o significado de maternagem "amplia-se a qualquer pessoa que faça o trabalho de maternagem como parte central de sua vida" (O'REILLY, 2023, p. 165). Outro ponto que merece destaque no feminismo matricêntrico é a desmistificação da ideia da maternidade como uma vocação, algo divino, destinação natural para as mulheres enquanto missão.

É, neste sentido, que procuramos analisar o perfil @familiaadaptada no Instagram para perceber quais os desafios e demandas que emergem do cotidiano de uma mãe com deficiência. Para tanto, interessa-nos abordar as singularidades que envolvem o ato de maternar em um contexto de convivência com uma limitação física, de maneira a desconstruir, bem como criticar o que seriam representações de "famílias perfeitas", tipicamente presentes no Instagram.

A escolha da página produzida por Suellen Gomes Calixto se justifica por dois motivos. Além de angariar mais de 195 mil seguidores, a criadora de conteúdo digital destaca na descrição do perfil as seguintes palavras-chaves: Maternidade; Superação; Vida de casal e *Lifestyle* que se coadunam com o propósito desta pesquisa.

O objetivo geral do presente artigo é analisar a construção da narrativa de uma mãe com deficiência no perfil do Instagram @familiaadaptada. Como objetivos específicos, temos: 1) compreender como a criadora de conteúdo digital Suellen Gomes Calixto utiliza a rede social Instagram para retratar cenas do seu cotidiano; 2) explorar como os conteúdos postados (fotos, vídeos, textos, músicas) no perfil @familiaadaptada ajudam a desmistificar os pressupostos da cultura da maternidade patriarcal (O'REILLY, 2023); e 3) debater a como a perspectiva do feminismo matricêntrico (Ibid.) pode contribuir para a disseminação de contranarrativas de maternagem e o respectivo fortalecimento identitário e social das mães com deficiência.

Para a concepção deste trabalho, entendemos a plataforma de mídia social Instagram não apenas como um espaço para registro de vivências pessoais, mas também como um campo comunicacional que possibilita a visibilidade de experiências e temas que antes não ganhavam o alcance midiático proporcionado pelas redes sociais.

[...] o Instagram deve ser melhor entendido como um canal de comunicação no cenário cada vez mais vasto das culturas visuais de mídia social. Argumentamos que a imagem visual, o vídeo e outras combinações desses elementos nos Stories são, antes de mais nada, sobre comunicar-se um com o

outro. Instagram é uma plataforma de mídia social, mas, argumentamos, o foco visual é particularmente importante no sucesso e relevância da plataforma. (LEAVER, *et. al.*, 2020, p. 14, tradução nossa^[2]).

Os autores supracitados destacam a diversidade de grupos e culturas no Instagram e entendem que “[...] muitas abordagens, entendimentos e vernáculos diferentes são visíveis nas formas como diferentes grupos usam a plataforma. O Instagram é melhor entendido em termos da multiplicidade de culturas que não são delimitadas por categorias demográficas” (LEAVER, *et. al.*, 2020, p. 17, tradução nossa^[3]).

Este estudo foi realizado por meio da coleta de dados diretamente da plataforma Instagram para avaliar as postagens publicadas pelo perfil @familiadaptada. A proposta é observar criticamente qual narrativa sobre maternagem na deficiência é construída por Suellen Gomes Calixto.

Na análise das fotografias e vídeos postados no *feed* de Calixto, enfocamos a vivência da maternagem por uma pessoa com deficiência. Vale ressaltar que publicidades ou postagens que não enfocam a temática abordada, centrada na maternagem, foram excluídas do estudo. Isso porque existiam 3585 publicações que faziam parte do perfil quando realizamos esta pesquisa, no período de outubro a dezembro de 2023.

O *corpus* da pesquisa foi formado pelas publicações realizadas no *feed* (espaço da página principal do Instagram) no qual aparecem fotos e vídeos publicados pelos usuários a partir de uma lógica algorítmica. Sendo assim, não foram incluídos conteúdos postados nos *stories*, ferramenta do aplicativo que permite que os perfis postem conteúdos somente durante 24 horas.

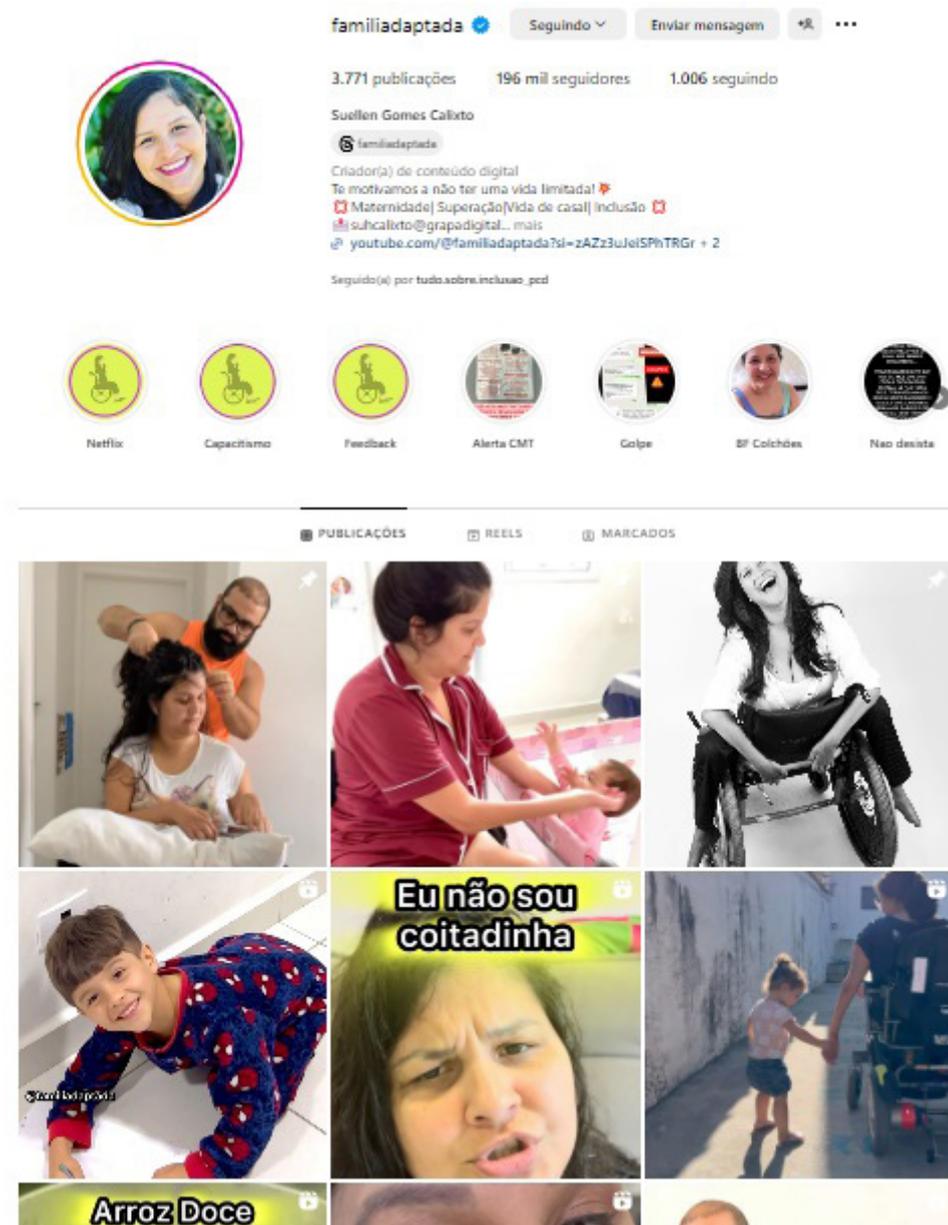


IMAGEM 1: Feed do perfil @familiadaptada

Fonte: Reprodução/Instagram

Este artigo divide-se em três seções: a primeira aborda teoricamente a construção de narrativas nas redes sociais, especialmente no Instagram, relacionando-as com a visibilidade de corpos com deficiência; a segunda discute maternidade e maternagem sob a perspectiva do feminismo matricêntrico, que questiona pressupostos patriarcais e amplia as possibilidades do “ser mãe”; e a terceira analisa postagens do perfil @familiadaptada, explorando como Suellen Gomes Calixto constrói sua narrativa pessoal, no contexto digital, como uma mãe com deficiência.

O INSTAGRAM COMO “VITRINE” EDITADA

Seja nas redes sociais ou fora delas, o culto aos corpos sem deficiências, tidos como “saudáveis”, ainda expõe as dificuldades de se lidar com os chamados corpos divergentes, ou seja, aqueles que não se enquadram nos padrões da corponormatividade:

Em sociedades que pautam seus comportamentos no culto à corponormatividade a deficiência é tida como algo feio, sinônimo de incompletude e de imperfeição o que resulta na ojeriza à possibilidade de reconhecimento da autonomia corporal, sexual e afetiva das pessoas com deficiência (FERRAZ; MOURA, 2023, p. 17).

Na linha do que Butler (2019) denomina como corpos abjetos, queremos ressaltar que aqueles que possuem uma limitação física, cognitiva ou sensorial, mesmo que não possuam marcas explícitas de suas deficiências, são enquadrados como desvios às normas, aos padrões socialmente impostos do que seriam “corpos perfeitos”.

Cabe enfatizar que o Instagram, com as ferramentas de edição, como filtros e retoques nas imagens e vídeos, estimula os usuários na busca do “clique perfeito”, da “melhor versão de si”. Sendo assim, o resultado é um recorte da realidade do indivíduo que procura destacar detalhes do cotidiano que possam despertar a curiosidade/atenção da sua audiência:

Nas Redes Sociais, somos bombardeados minuto a minuto, por realizações, sucesso e felicidade dos outros. É inevitável surgir uma comparação e um sentimento de inveja pelo desejo de algo do qual nos vemos privados. [...] Há sempre um outro que atrai a atenção e admiração dos demais, gerando a impossibilidade de um preenchimento narcísico que se mantenha. (LEJDERMAN; ZOT, 2020, p. 64).

Ao mesmo tempo, essa “vitrine” da vida alheia tem despertado também o interesse de grupos historicamente vulnerabilizados para expressar suas experiências, dentre eles as pessoas com deficiência. Sejam em perfis coletivos ou individuais, a publicização do que é contra-hegemônico gera efeito de quebrar a suposta padronização de corpos e vivências que ainda domina o Instagram.

A visibilidade das pessoas com deficiência nas plataformas de mídias sociais consequentemente contribui para o combate a preconceitos e tabus voltados àqueles que possuem alguma especificidade física, cognitiva ou sensorial. Dentre esses mitos estão os relacionados à sexualidade e ao prazer que historicamente foram encarados como disfuncionais, seja pela crença na ausência ou no excesso de desejo por parte desses indivíduos.

No caso das mulheres com deficiência, há um duplo viés de opressão, por serem socialmente vistas como incapazes de gerar e cuidar dos filhos. É nesse ponto que a existência de perfis no Instagram de mães com deficiência - que angariam um amplo número de seguidores - pode contribuir para dar visibilidade à divulgação e ao debate público sobre

contranarrativas de maternagem, as quais divergem de práticas de cuidado e modelos maternos idealizados.

Entram em cena as experiências de uma maternidade “real”, na qual as mães “[...] criticam de forma mais contundente a idealização da maternidade, expõem suas dificuldades, suas angústias, resistem à lógica do instinto e do amor maternal como um sentimento de toda mulher” (OLIVEIRA-CRUZ, *et. al.*, 2021, p. 41). No que tange às mães com deficiência, tal maternidade “real” inclui os desafios que envolvem as próprias limitações físicas, cognitivas ou sensoriais que não estão presentes na maternagem por indivíduos sem deficiência.

MATERNIDADE E MATERNAGEM A PARTIR DO FEMINISMO MATRICÊNTRICO

No intuito de melhor compreender as bases conceituais dos estudos maternos, cabe diferenciar os termos *motherhood* (maternidade) e *mothering* (maternagem). Nessa esteira, aponta Mendonça (2021, p.61) que:

[...] a definição de *motherhood* foi cunhada por Adrienne Rich (1976) e diz respeito ao poder biológico e aos significados institucionais, simbólicos e culturais da maternidade. Em decorrência disso, maternidade é a palavra que melhor traduz o conceito de *motherhood* para o português. Já o termo *mothering* resulta da fusão do verbo *to mother* (RUDDICK, 1989) com o sufixo -ing, que indica ação e processo contínuo. Portanto, a palavra maternagem corresponde ao termo que melhor traduz o conceito de *mothering* para o português, pois inclui o sufixo -agem, de origem latina, que expressa, exatamente, a ideia de ação ou resultado de ação.

Cabe ressaltar que trazer a maternidade e maternagem para o centro do feminismo envolve um esforço multi e interdisciplinar, pois “o feminismo matricêntrico tem a mãe como ponto de partida e leva a sério o trabalho de maternagem adotando, assim, uma perspectiva feminista multidisciplinar e ‘multiteórica’” (O’REILLY, 2023, p. 170). A perspectiva matricêntrica, assim, se coaduna com o esforço de lançar luz sobre os desafios e diferentes vertentes do “ser mãe”. A integração de distintas áreas do conhecimento demonstra-se salutar para entender as especificidades de uma mãe com deficiência.

Ao definir os princípios basilares do feminismo matricêntrico, O’Reilly (2023) destaca que é indispensável assumir a maternidade e a maternagem como experiências culturalmente determinadas, mas extremamente variadas. Tais estudos endossam a necessidade de percorrermos as trilhas da interseccionalidade, abrangendo questões de raça, classe, cultura, etnia, sexualidade, habilidade, idade e localização geográfica.

A partir da ótica do feminismo matricêntrico, é possível desmistificar dez pressupostos que alicerçam a cultura da maternidade patriarcal. São eles: essencialização, privatização, individualização, naturalização, biologização, normalização, especialização, intensificação, idealização e despolitização da maternidade (O'REILLY, 2013, apud MENDONÇA, 2021, p. 61-62).

De acordo com O'Reilly, a essencialização define a maternidade como fundamento da identidade feminina, de forma semelhante, a individualização compreende a maternagem como um trabalho individual, centrado na figura da mãe, exclusivamente de sua responsabilidade. Já a privatização restringe o trabalho materno às esferas reprodutiva e doméstica. (O'REILLY, 2013, apud MENDONÇA, 2021, p. 62).

Ainda de acordo com as autoras (Ibid, p.62), a naturalização parte da ideia de que as mulheres já nascem sabendo como maternas "naturalmente", o que reforça a compreensão da maternagem como uma atividade guiada por "hábitos" e "instintos", em vez um aprendizado cotidiano e contínuo, que requer o uso da inteligência para se aprimorar habilidades e qualificações. A biologização reforça o raciocínio no qual se entende a maternidade biológica como autêntica e real. Já a normalização limita as identidades maternas, bem como as atividades de maternagem, ao modelo normativo da família nuclear patriarcal, no qual a mãe assume o papel de esposa e cuidadora dos filhos, ao passo que o marido é tido como o principal provedor econômico.

O'Reilly ainda relaciona os pressupostos da especialização e intensificação da maternidade com o que Sharon Hays (1996) chamou de maternagem intensiva (tradução nossa); bem como associa a idealização da maternidade ao que Susan Douglas e Meredith Michaels (2005) chamaram de New Momism. Dessa maneira,

[...] a especialização defende que a criação dos filhos(as) seja guiada por especialistas, tornando as práticas de maternagem extremamente demandantes, em termos de gastos de energia, dinheiro e esforços maternos. A idealização estabelece modelos maternos inatingíveis, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade sobre as mães (MENDONÇA, 2021, p.62).

O último pressuposto, a despolitização, enquadra a maternidade como uma atividade essencialmente privada que não possui implicações sociopolíticas. Com base nesses pressupostos, nosso objetivo é discutir como a construção da imagem da mãe com deficiência no perfil @familiadaptada contradiz algumas dessas bases patriarcais que fundamentam a noção ainda hegemônica da maternidade e da maternagem.

MATERNAGEM NA REDE SOCIAL INSTAGRAM: CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MÃE COM DEFICIÊNCIA NO PERFIL @FAMILIADAPTADA

A pesquisa adota uma abordagem (auto)biográfica, pautada nas narrativas de si para entender as formas contemporâneas de construção de identidades e subjetividades (PASSEGI, 2020; OLIVEIRA-CRUZ; CONRAD, 2022). A análise de cunho qualitativo foca na história pessoal de Suellen e sua família compartilhada no perfil @familiaadaptada no Instagram, explorando como os indivíduos narram suas experiências e atribuem sentidos às suas trajetórias de vida. As redes sociais digitais amplificam essas narrativas, pois os usuários compartilham momentos de suas vidas em postagens, textos, imagens e vídeos, tornando esses espaços simultaneamente públicos e privados, no qual autenticidade, performatividade e os limites entre exposição e privacidade são negociados.

O recorte metodológico investiga como as pessoas utilizam essas plataformas para construir, negociar e validar suas identidades, refletindo dinâmicas sociais contemporâneas, como o desejo de pertencimento e a busca por reconhecimento (PASSEGI, 2020). As narrativas (auto)biográficas digitais se conectam às narrativas de si, que permitem aos indivíduos expressar e comunicar suas identidades, memórias e experiências pessoais. Segundo Ricoeur (1991), a identidade narrativa é central para o entendimento de si, pois, ao contar sua história, o indivíduo reconcilia o passado com o presente e projeta o futuro. Essa construção, dinâmica e influenciada pelas interações sociais e contextos culturais, destaca a performatividade e a dialogicidade das narrativas. Nas redes sociais, as narrativas de si assumem novos formatos, mediadas pela tecnologia e pelo engajamento do público. Para Goffman (2011), a vida é uma *performance*.

Criado em agosto de 2015^[4], o perfil @familiaadaptada conta atualmente com 3.587 publicações e 194 mil seguidores detalha por meio de fotos e vídeos o dia a dia da influenciadora digital Suellen Gomes Calixto, que possui uma distrofia muscular, chamada de doença de Charcot-Marie-Tooth. Ela e o marido, William, começaram a produzir conteúdo no YouTube com o canal "O Nerd e a Cadeirante" e só depois migraram para o Instagram. A seleção do *corpus* da pesquisa se deu através das publicações que retratam explicitamente a relação entre maternidade e maternagem com pessoas com deficiência e dessa forma analisamos as postagens que receberam na narrativa da autora do perfil, Suellen, as *hashtags* #maternidadereal #maecomdeficiencia #maecadeirante #maternidade.

A utilização dessas *hashtags* atreladas servem como indexadores de suas postagens na plataforma Instagram, para que outras pessoas interessadas nos temas por ela tratados possam encontrá-los com maior facilidade. Tal preocupação demonstra o objetivo do perfil em estabelecer conexões com outras mães que vivenciam realidades parecidas e, assim, possibilitar uma maior

interação e engajamento entre elas em torno da maternidade e maternagem na deficiência e reforça o tom confessional e aspiracional dedicado ao perfil (DA SILVA, 2015).

De acordo com as reflexões de Karhawi (2017), podemos definir influenciadores digitais (*digital influencers*) como pessoas detentoras de algum poder nas decisões de compra dos sujeitos. Nas palavras dessa autora: “poder de colocar discussões em circulação; poder de influenciar em decisões em relação ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em sua rede” (Karhawi, 2017, p. 49). Em vídeos postados no dia 29 de agosto de 2021 e salvos com o título “Sobre nós”, Suellen destaca:

Nosso objetivo aqui é te inspirar, te motivar a tentar tudo que você acha que não consegue porque comigo é assim. Muita coisa, que nem ser mãe, por exemplo, eu achava que não era para mim. Casar, na minha adolescência, nunca passou pela minha cabeça que eu poderia. Cuidar do meu filho, jamais. [...] Te motivar a tentar, a se adaptar, a se ver como alguém além da sua deficiência, seja ela física, psicológica, qual for [...]

A experiência de Suellen e William com os dois filhos, Liz e Théo, é o foco central das postagens que intercalam momentos do cotidiano, vídeos divertidos da família, mas também há conteúdo no qual procuram desmistificar a experiência de uma mãe com deficiência. Para que tal desconstrução seja possível, é necessário transicionar do modelo médico para o modelo social da deficiência. Em outras palavras, superar a ideia de que um diagnóstico possa enquadrar ou limitar alguém pelo simples fato de ter uma especificidade física, cognitiva ou sensorial. O perfil @familiaadaptada narra trajetórias de adaptação e resiliência, construindo uma narrativa autobiográfica (PASSEGI, 2020). Essa narrativa reflete dinâmicas familiares, o enfrentamento de desafios e a celebração da inclusão. A análise permite investigar como a família utiliza o espaço digital para criar uma identidade coletiva, promover empatia e discutir acessibilidade e diversidade.



IMAGEM 2: Suellen e sua família: os filhos, Liz e Théó, e o marido William

Fonte: Reprodução/Instagram

O modelo social da deficiência entende que a dificuldade de inclusão dessas pessoas não é fruto da incapacidade da própria pessoa com deficiência, mas da sociedade que ainda falha na construção de políticas públicas que permitam essa inclusão. Como afirma Bisol *et al* (2017), o modelo social faz a diferenciação entre doença e deficiência e salienta que esta última necessita de mudança no ambiente social em vez de uma lógica focada em intervenções médicas:

Em síntese, o modelo social interpretou a deficiência como um produto de uma sociedade “descapacitante” ou “incapacitante”, e não como resultado de uma patologia no corpo do indivíduo. Ser incapacitado pela sociedade relaciona-se diretamente com a discriminação, que restringe a participação das pessoas com deficiência no meio social (BISOL *et al*, 2017, 94).

Os autores citados destacam ainda que, a partir do final do século XX, começa a se configurar a ideia de um modelo pós-social da deficiência focado em uma perspectiva “multidisciplinar, integrada, contextualizada e social” (BISOL *et al*, 2017, 95). A partir dos debates dessa nova corrente teórica, ainda em construção, ganham relevância entrecruzamentos entre os estudos sobre deficiência com as abordagens feministas, LGBTQIA+, étnico-raciais, dentre outras.

Nesse sentido, o perfil @familiaadaptada constrói, a partir da narração de fatos cotidianos da família de Suellen, a possibilidade da maternidade e maternagem na deficiência, afastando-se da noção de uma maternidade idealizada. Para tanto, são utilizados um tom confessional e um discurso inspirador (DA SILVA, 2015), em relatos pessoais e emotivos, que contam experiências íntimas e desafios enfrentados pela família. Um dos vídeos principais do canal mostra a tentativa de Suellen tirar a filha do berço, driblando as limitações da deficiência motora.



IMAGEM 3: Printscreen do vídeo de @familiaadaptada

Fonte: Reprodução/Instagram

O que poderia, à primeira vista, ser encarado como um empecilho à maternagem revela a capacidade de adaptação nos cuidados com os filhos(as) por uma mãe com deficiência. Da mesma forma, o perfil @familiadaptada possibilita a identificação de outras mães com deficiência no próprio caminhar de cada experiência de maternagem. Suellen demonstra com suas fotografias e vídeos que o “ser mãe” é uma experiência construída diariamente em vez de um “instinto natural” atribuído a todas as mulheres, (GILLIGAN, 2013). Descaracteriza-se, portanto, o pilar da naturalização que impõe a maternidade como atribuição intrínseca às mulheres para gerar e cuidar dos seus filhos.

Ao expor suas dificuldades enquanto mãe com deficiência, Suellen demonstra que a maternidade e a maternagem estão longe de serem um “conto de fadas”, na construção dessa narrativa de si. Como observam Milena Oliveira-Cruz e Kalliandra Conrad (2022, p.4), “a lógica estabelecida nas redes sociais digitais sugere a construção de narrativas autobiográficas maternas que performam segundo um modo idealizado de vida (e da rotina materna), em que o cotidiano/ordinário é convertido como excepcional.” Nesse sentido, a influenciadora digital tenta desconstruir o preconceito de que suas limitações físicas possam ser vistas socialmente como obstáculos, buscando demonstrar suas práticas de maternagem ativamente nas mídias sociais.

As autoras ressaltam ainda que a presença de experiências envolvendo maternidade e maternagem nas plataformas de mídias sociais contribui para a superação do pressuposto da despolitização. Quando mães com deficiência, como Suellen, utilizam o Instagram para expor suas vivências, afetos, dificuldades e desafios, estamos diante de uma dupla politização: porque são mães e pessoas com deficiência.

A politização presente no perfil @familiadaptada se revela não somente nas postagens com os filhos, mas quando Suellen produz conteúdo combatendo comportamentos e atitudes capacitistas. Dessa maneira, ela utiliza a rede social como ferramenta contra o capacitismo, inclusive no que diz respeito aos direitos das mulheres com deficiência à maternidade e à maternagem. Em alguns vídeos postados, Suellen e William utilizam a brincadeira e o deboche para lidar com comentários capacitistas que recebem na página *online*.



IMAGEM 4: Printscreens de vídeo postado em @familiadaptada

Fonte: Reprodução/ Instagram

Chama atenção a participação ativa de William na criação de Liz e Théo nas postagens do perfil. Assim, a paternidade ativa e participativa é outro aspecto politizador das narrativas apresentadas no perfil (BERNARDI, 2017). Em um dos *posts*, William faz uma escova no cabelo de Suellen enquanto ela amamenta a criança no colo. Temos aqui a desconstrução do pressuposto da individualização, tendo em vista que a maternagem não deve ser uma atividade solitária da mãe:

A presença paterna mais ativa na vida e no cuidado dos filhos tem transformado uma série de atividades que até então eram pertencentes ao papel materno. O relacionamento entre pai e filho(a) que até certo tempo atrás era marcado pelo distanciamento, hoje carrega novos formatos. Com isso, na atualidade assistimos uma participação mais ativa do pai no período gestacional, nas consultas pré-natais e nas salas de parto. (BERNARDI, 2017, p.70).

Por outro lado, não queremos exaltar o fato do pai estar inserido na criação e cuidado dos filhos, pois a valorização excessiva de um suposto “superpai” não ajudaria a desconstruir os pressupostos da cultura da maternidade patriarcal, mas, poderia correr o risco de até reforçá-los. Logo, a ideia nos parece ser apenas reforçar a presença da paternidade ativa no perfil.



IMAGEM 5: Printscren de vídeo postado em @familiadaptada

Fonte: Reprodução/Instagram

É possível afirmar ainda que a relação de Suellen com o marido e os filhos se contrapõe ao pressuposto da normalização, no qual a mulher assume a posição de cuidadora e o marido de provedor econômico, subvertendo a lógica da divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007). O próprio ato de fazer uma escova na esposa já é simbólico no sentido que destoa do padrão de masculinidade hegemônica, no qual homens não devem cuidar das suas esposas, mas sim o oposto.

Em outros vídeos do perfil, William aparece fazendo uma trança ou cortando o cabelo de Suellen, reforçando a ideia de cuidado com a esposa. Tal gesto traduz uma nova possibilidade de se entender a construção de diferentes masculinidades, em contraposição à noção patriarcal de que o cuidado e a criação dos filhos são tarefas exclusivamente atribuídas às mulheres. Essa perspectiva pode ser observada através da ética feminista do cuidado proposta por Carol Gilligan (2013), que valoriza relações interpessoais, empatia e responsabilidade mútua, contrapondo-se às teorias éticas tradicionais.

Entre os registros cotidianos, estão Suellen, William e Théo cozinhando juntos. Em outra postagem, William aparece ensinando Liz a brincar no escorrego. A dinâmica familiar, por assim dizer, mostra uma flexibilidade dos papéis maternos e paternos no ambiente doméstico, destoando das rígidas atribuições do modelo nuclear de família que sobrecarrega, sobretudo, as mulheres e especialmente as mães (GILLIGAN, 2013).



IMAGENS 6 E 7: Printscreens de vídeos do @familiadaptada

Fonte: Reprodução/Instagram

No que se refere ao pressuposto da idealização, o perfil de Suellen apresenta a realidade de uma mãe com deficiência com todos os desafios implicados. Não parece haver uma tendência da influenciadora em querer atingir padrões inalcançáveis de mãe. Pelo contrário: a influenciadora digital assume suas limitações, enquanto pessoa com deficiência e mãe, mas ressalta a capacidade de adaptação de todo ser humano, demonstrando que é possível praticar a maternidade e maternagem na deficiência, reforçando o tom confessional e o discurso inspirador na narrativa de si.

O próprio ato de criar um perfil com o objetivo de compartilhar e comunicar ideias e concepções sobre a criação de crianças e o papel materno é, em si, uma escolha para desmistificar o papel de “mãe perfeita” que é imposto às mulheres. Ao divulgar seus relatos e percepções, as mulheres têm a possibilidade de repensar aquilo que é dito como “norma”, aliviando suas culpas e responsabilidades, compreendendo que existem outras alternativas (OLIVEIRA-CRUZ, *et. al.*, 2021, p. 66)

Portanto, quando analisamos as postagens do @familiadaptada, podemos afirmar que os conteúdos interagem com o esforço do feminismo matricêntrico em romper com os pressupostos da maternidade patriarcal. Evidentemente, tal esforço para desconstruir esses dez pressupostos não é de Suellen ou de outra mãe com deficiência, mas de todas as mulheres que se propõem a exercerem práticas de maternagem empoderadas e contra-hegemônicas. Sendo assim, a iniciativa de Suellen pode inspirar outras mulheres a saírem do modelo imposto socialmente de “mãe perfeita” para que possam construir suas próprias histórias nos caminhos da maternidade e da maternagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura da maternidade patriarcal e as práticas de maternagem historicamente vêm atribuindo papéis de subalternidade às mulheres. Na perspectiva do modelo patriarcal hegemônico, as mulheres são vistas como prioritariamente responsáveis por gerar e criar seus filhos. Tentando romper com essa lógica opressora que incide sobre as mães, o feminismo matricêntrico traz à tona a necessidade de repensar a pluralidade e a diversidade de experiências nos estudos maternos.

É necessário então questionar e desestabilizar a lógica da maternidade hegemônica especialmente porque ela centraliza seu olhar sobre os corpos considerados “aptos” a gerirem e a cuidarem dos filhos. Nesse sentido, as redes sociais (aqui focamos em apenas uma delas, o Instagram) vêm cumprindo um importante papel de politizar as vivências maternas a partir da maternidade “real”, como também da presença de corpos maternos e paternos não hegemônicos.

Não se pode perder de vista que essas plataformas de mídias sociais oferecem um recorte da realidade editado e limitado, todavia perfazem objetos potentes para a construção de narrativas

autobiográficas. Apesar disso, através desses canais pode haver uma maior facilidade de interação e produção de conteúdo disponível aos usuários. Mais ainda: materializa-se a possibilidade de conectar pessoas e compartilhar experiências.

É exatamente nessa possibilidade que o perfil @familiadaptada se ancora para potencializar as práticas cotidianas de uma mãe com deficiência e contribuir para que a compreensão da maternidade e maternagem na deficiência possa ser ressignificada. Ressignificação que implique na revisão dos padrões capacitistas que ainda inferiorizam as pessoas com deficiência e julgam as mulheres com alguma especificidade física, cognitiva ou sensorial quando pensamos na gravidez, maternidade e criação dos filhos.

Com uma mistura de ousadia, humor e ativismo, Suellen e sua família driblam o preconceito e a discriminação e demonstram para os seus 196 mil seguidores que é possível conciliar a deficiência com a maternidade e a maternagem. O perfil @familiadaptada ajuda a impulsionar a figura da mãe com deficiência e narra o cotidiano de desafios e adaptações que fazem parte do dia a dia de Suellen e, mesmo sem saber, contribui para o fortalecimento do feminismo matricêntrico pautado na inclusão e na interseccionalidade, sinônimos de um verbo tão amplo como o maternar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDI, Denise. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. *Psicologia Revista*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 59–80, 2017. Disponível em: <https://acesse.dev/wWGnu>. Acesso em: 27 jun. 2024.

BISOL, Cláudia Alquati; PEGORINI, Nicole Naji; VALENTINI, Carla Beatris. Pensar a deficiência a partir dos modelos médico, social e pós-social. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 24, n. 1, p. 87–100, 2017. DOI: 10.18764/2178-2229.v24n1p87-100. Disponível em: <https://encr.pw/dcos4> Acesso em: 20 fev. 2024.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 edições, crocodilo edições (coeditora), 2019, 400 p.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial, 2021.

DA SILVA, Jhonatan Rodrigues Peixoto. O lirismo confessional em *A cinza das horas*, de Manuel Bandeira. *Alumni-Revista Discente da UNLABEU-ISSN 2318-3985*, v. 3, n. 5, p. 40-49, 2015.

FERRAZ, Carolina Valença; MOURA, Victor Freitas. Direito à afetividade e às sexualidades para as pessoas com deficiência: um olhar além do capacitismo ou da limitação discriminatória. In: Alessandra Varrone de Almeida Prado Souza. (Org.). *Direitos dos Autistas*. 1ed.: , 2023, v. 1, p. 13-23.

GILLIGAN, Carol. *La ética del cuidado*. Barcelona: Fundació Víctor Grífols i Lucas, 2013.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. In: *A representação do eu na vida cotidiana*. 2011. p. 231-231.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, p. 595-609, 2007.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. *Revista Comunicare*, São Paulo, v. 17, p. 46-61, 2017. Disponível em: <https://bitly.com/M5nnz>. Acesso em 10 fev. 2024.

LEAVER, T.; HIGHFIELD, T.; ABIDIN, C. *Instagram*. Visual Social Media Cultures. Cambridge, UK: Polity Press, 2020.

LEJDERMAN, B.; ZOT, J. D. Narcisismo e Redes sociais. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 22, n. 2, 2020, 55-67 p. Disponível em: <https://encr.pw/tCsyg> Acesso em 19 de jan. 2024.

MCRUER, Robert. *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*. New York: New York University Press, 2006, 301 p.

COLLIER DE MENDONÇA, M. Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. *Revista Ártemis*, [S. I.], v. 31, n. 1, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.5429. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54296>. Acesso em: 28 fev. 2025.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; et. al. A maternidade “real” no Instagram: uma reflexão sobre as temáticas predominantemente compartilhadas por mães influenciadoras. IN: OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MENDONÇA, Maria Collier de (Org.). *Maternidade nas mídias*. Santa Maria/RS: FACOS-UFSM, 2021. 39-60 p. (Recurso eletrônico). Disponível em: <https://encr.pw/WpWz8>. Acesso em: 10 jan. 2024.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; CONRAD, Kalliandra Quevedo. Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, 2022.

O'REILLY, Andrea. Feminismo matricêntrico: um feminismo para e sobre as mães. In:

SILVA, Janine Gomes et. al. *Falas, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. DOI: 10.31560/pimentacultural/2023.96375. E-book.

PASSEGGI, Maria. *Reflexividad narrativa: 'vida, expe-riencia vivida y ciencia'*. Márgenes, Belo Horizonte, v. 1, p. 91-109, 2020

RICOUER, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad.: Lucy Moreira César. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis; LACHMAN, Vivian; BORTOLINI, Ernani. Educação Especial, o longo caminho: da antiguidade aos nossos dias. *Cadernos Zygmunt Bauman*, v. 9, n. 21, 16 Dez 2019 Disponível em: <https://encr.pw/uWhdt>. Acesso em: 10 jun. 2024.

-
- [1] “Everyone is virtually disabled, both in the sense that able-bodied norms are “intrinsically impossible to embody” fully and in the sense that able-bodied status is always temporary, disability being the one identity category that all people will embody if they live long enough” (McRUER, 2006, p. 30).
- [2] “Instagram should best be understood as a conduit for communication in the increasingly vast landscape of visual social media cultures. We argue that the visual image, video and other combinations of these elements in Stories are first and foremost about communicating with one another. Instagram is a social media platform, but, we argue, the visual focus is particularly important in the success and relevance of the platform” (Leaver, *et. al.*, 2020, p. 14).
- [3] many different approaches, understandings and vernaculars are visible in the way different groups use the platform. Instagram is best understood in terms of the multiplicity of cultures that are not delimited by specific demographic categories” (LEAVER, *et. al.*, 2020, p. 17)
- [4] Para definir o marco temporal inicial do perfil, baseamo-nos na primeira postagem publicada na página em questão em 15 de agosto de 2015, mesmo sabendo que a produção de conteúdo sob o nome @familiadaptada é posterior.